

EDUCAÇÃO SEXUAL NO 1ºCEB: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE AS SUAS DIFICULDADES EM ÁREAS E TÓPICOS ESPECÍFICOS

Zélia ANASTÁCIO¹, Graça S. CARVALHO² e Pierre CLÉMENT³

¹Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, zeliadf@iec.uminho.pt

²Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, graca@iec.uminho.pt

³Université Claude Bernard Lyon-1, pierre.clement@univ-lyon1.fr

Resumo

Pretendeu-se identificar as percepções de professores de 1ºCEB, sobre as suas dificuldades sobre a educação sexual e analisar alguns factores individuais com influência nestas concepções. Os dados recolhidos por um questionário construído para o efeito foram tratados estatisticamente no programa SPSS. Os resultados sugerem maiores dificuldades na área de expressões da sexualidade e menores na de relações interpessoais. Como tópicos mais difíceis surgem o erotismo, a pornografia e as relações sexuais; como mais fáceis as diferenças corporais, as relações afectivas e os papéis de género. Os factores que revelaram maior influência foram o sexo, a idade, o tempo de serviço, a formação, a área de trabalho e filhos.

Enquadramento Teórico da Educação Sexual

A implementação da Educação Sexual nas escolas portuguesas continua a ser um processo difícil, apesar das actualizações legais que a têm vindo a reforçar (Lei N.º 120/99; Decreto-Lei n.º 259/2000) e das orientações técnicas escolares que têm resultado de projectos experimentais (CCPES, *et al.*, 2000). Nestas orientações descrevem-se os objectivos para cada nível escolar, assim como os conhecimentos, as atitudes e os comportamentos a desenvolver. A obrigatoriedade de abordagem desta temática está contemplada a partir do 1ºCEB, nível para o qual é definida como finalidade básica da ES “*contribuir para que as crianças construam o «Eu em relação», através de um melhor conhecimento do seu corpo, da compreensão da sua origem, da valorização dos afectos e da reflexão crítica acerca dos papéis sociais de ambos os sexos*” (CCPES, *et al.* pp. 66).

Para sistematizar os conteúdos da ES, alguns autores têm proposto determinadas áreas de conhecimentos. Uma das tipologias que consta nas orientações escolares portuguesas é a proposta por Vaz e colegas (1996) que compreende quatro áreas de conhecimento da educação sexual: corpo em crescimento; expressões da sexualidade; relações interpessoais; e saúde sexual e reprodutiva. A partir destas áreas é possível especificar tópicos a abordar e a aprofundar para cada nível de ensino, assim como definir os objectivos adequados.

As dificuldades dos professores têm sido evidenciadas em vários estudos (Buston *et al.*, 2001; Teixeira, 1999; Mbananga, 2004; Veiga *et al.*, 2006), assim como a sua necessidade de se sentirem à vontade para poder trabalhar o tema.

As dificuldades acentuam-se em determinados tópicos, tais como anatomia, fecundação, gravidez e parto (Oz, 1991), relações sexuais (Mbananga, 2004), homossexualidade (Rolston *et al.*, 2005; Strange *et al.*, 2006).

Metodologia

Para a recolha de dados sobre as percepções dos professores, construiu-se um questionário com base em: i) dados emergentes da literatura sobre os conteúdos da ES (CCPES *et al.*, 2000; Vaz *et al.*, 1996), sobre alguns valores, nomeadamente de religião, prática religiosa e tendência política (Teixeira, 1999) que podem influenciar a educação para a sexualidade e factores contextuais que podem interagir com a prática da educação sexual (Kehily, 2002; Walker *et al.*, 2003); ii) uma investigação anterior (Anastácio & Carvalho, 2002) sobre os interesses das crianças em matéria de ES; iii) contacto próximo com professores de 1ºCEB, que em contexto de formação complementar expressavam as suas opiniões, dificuldades, receios e necessidades de formação.

O questionário foi por nós redigido e posteriormente validado, através de um teste piloto efectuado numa turma de 30 professores de 1ºCEB. Após a validação, foi aplicado a uma amostra conveniência de 486 indivíduos da região norte de Portugal.

O instrumento ficou constituído por 25 questões sendo 12 correspondentes a variáveis dependentes e 13 relativas a variáveis independentes o factores. Para este trabalho extraem-se apenas das duas variáveis dependentes relacionadas com as percepções de dificuldades, assim como os factores que tendem a interferir com essas percepções.

Os dados obtidos foram tratados estatisticamente através do software SPSS, versão 13.0. Procedeu-se a análise descritiva das variáveis dependentes e aplicaram-se testes paramétricos (Teste T de student) e não paramétricos (Kruskal-Wallis e Mann-Whitney) para estudar a influência de alguns factores nessas variáveis.

Resultados

A análise das características demográficas da amostra permitiu-nos formar grupos em função dos factores estudados. Assim, obtivemos uma amostra constituída por 486 indivíduos, sendo a maioria do sexo feminino, com filhos e sem frequência de acções de formação quer contínua quer esporádica (tabela 1).

Tabela 1: Características demográficas da amostra.

Sexo	%	Idade (M±SD)	43,16± 8,30
Feminino	88	Tempo de serviço (M±SD)	20,99±9,16
Masculino	12	Ter filhos	%
Formação contínua	%	Sim	80,0
Sim	11,9	Não	20,0
Não	88,1	Área de trabalho	%
Formação esporádica	%	Rural	35,9
Sim	31,8	Suburbana	24,8
Não	68,2	Urbana	39,3

A) Dificuldades nas áreas de conhecimento da ES: corpo em crescimento, expressões da sexualidade, relações interpessoais, saúde sexual e reprodutiva

A área de conhecimento em que os professores manifestaram maiores dificuldades foi expressões da sexualidade, seguindo-se a área de corpo em crescimento e depois a área de saúde sexual e reprodutiva. A área em que apresentaram menores dificuldades foi a área de relacionamento interpessoal (Figura 1).

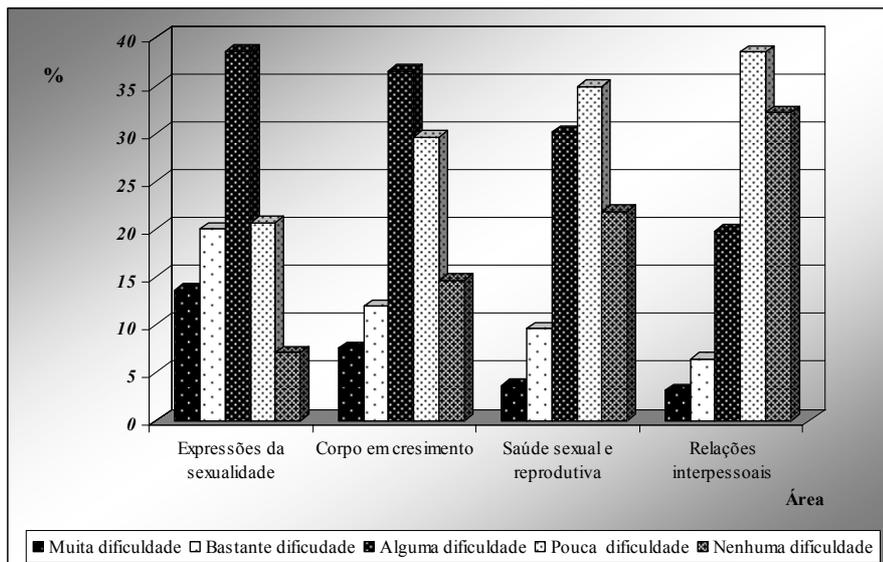


Figura 1: Dificuldades nas quatro áreas de conhecimento da ES.

Os factores que denotaram mais influência nestas percepções foram: o sexo, com as mulheres a expressarem mais dificuldades que os homens; a frequência de formação contínua e esporádica, com os professores que frequentaram a exibir menores dificuldades do que os que não o fizeram; a existência de filhos, com os professores que os tinham a expressarem maiores dificuldades nas quatro áreas; a idade, onde o grupo de professores com menos de 30 anos foi o que revelou mais confiança; o tempo de serviço, onde os grupos com menos tempo de serviço manifestaram menores dificuldades; e a área de trabalho, com o grupo de área rural a revelar mais constrangimentos.

B) Dificuldades em tópicos específicos de sexualidade

Os tópicos em que os professores evidenciaram mais dificuldades foram os relacionados com o prazer. Destacam-se as dificuldades em abordar as relações eróticas, a pornografia e as relações sexuais coitais, seguindo-se a abordagem da sexualidade na perspectiva de prazer e a localização dos órgãos de prazer. Em sentido oposto, os tópicos que se afiguraram mais fáceis foram diferenças corporais, relações afectivas e papéis de género. Entre os dois extremos situam-se os tópicos exibicionismo, abusos sexuais e pedofilia (Figura 2).

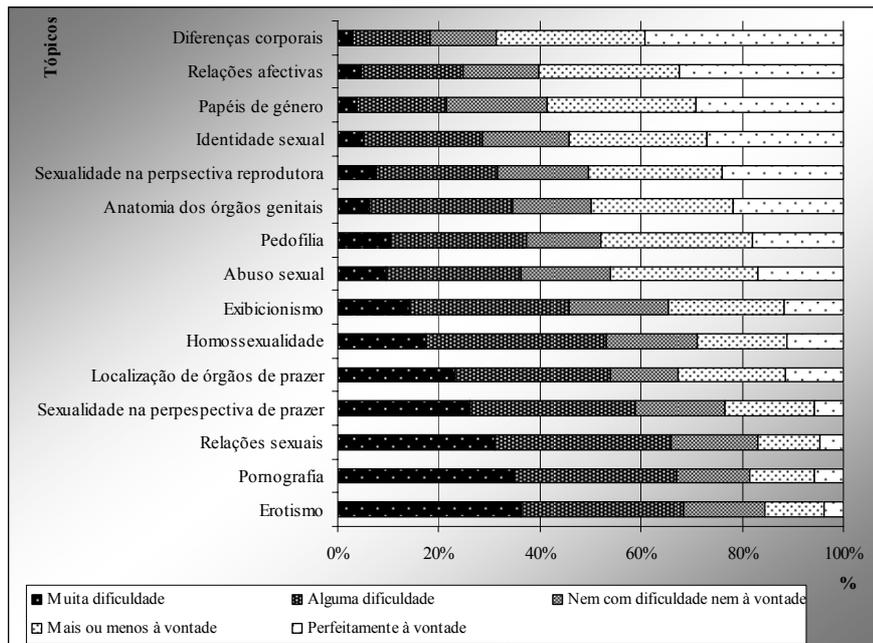


Figura 2: Dificuldades em tópicos específicos de sexualidade.

Os factores que mais tenderam a afectar o modo como os professores se sentem para abordar estes tópicos específicos foram: o sexo, com as professoras a mostrarem mais dificuldades na maioria dos tópicos; a formação contínua e a esporádica, onde também aqui os professores que as tinham frequentado se mostravam mais à vontade; a existência de filhos, sendo os professores pais os que revelaram mais dificuldades em todos os tópicos; idade, onde os professores mais jovens revelaram menos dificuldades na maioria dos tópicos, contrastando com os mais velhos; tempo de serviço, com tendência semelhante; área de trabalho, sendo os professores de área urbana os que manifestaram menores dificuldades.

Discussão

A análise dos dados tornou evidente que os assuntos em que os professores de 1º CEB sentem maiores dificuldades de abordagem são os relacionados com o prazer, enquanto aqueles em que se sentem mais à vontade são os relativos a questões afectivas. Estes dados vão de encontro aos que a literatura na área tem vindo a apresentar, pois vários autores referem a grande dificuldade, por parte dos professores, em abordarem as questões de prazer, assim como a homossexualidade (Zapian, 2003; Mbananga, 2004; Haffner, 2005), sendo a sexualidade carregada de mensagens negativas. O facto dos abusos sexuais se terem situado a meio do gráfico também podem encontrar alguma explicação nos dados de Goldman (2005) que verificou que os professores têm um nível de compreensão intermédia face a este problema. Por outro lado, pela mediatização deste tema em Portugal, e com alterações legais recentes, os professores podem sentir-se impulsionados a abordar os abusos sexuais com as crianças para as ajudar na prevenção.

Os factores mais influentes nestas percepções são o sexo, a idade, o tempo de serviço, o facto de ter filhos, a frequência a acções de formação e a área de trabalho. Julga-se que o facto das mulheres terem mais dificuldades se radica na prescrição social que impõe maior restrição sobre a sexualidade feminina (Sprinthall & Collins, 1999), o que nem o facto de terem experiência de maternidade lhes facilita esta tarefa como refere Teixeira (1999). Que os professores mais jovens tenham menores dificuldades que os mais velhos também já tinha sido apontado por Oz (1991), o que foi interpretado

como uma maior abertura daqueles a estas questões. Que os professores com filhos tenham mais dificuldades, tal como anteriormente registado por Mbananga (2004), podem ser interpretada em virtude da interacção entre este factor e a idade e o tempo de serviço, sendo os mais velhos e mais experientes os que têm filhos. Uma influência a salientar é a da formação, pois embora os professores que frequentaram formação específica para a ES fossem a minoria, como os que o fizeram manifestam menores dificuldades, este resultado aponta para um efeito positivo da formação para mobilizar concepções e ultrapassar obstáculos de vária ordem.

Desta forma, os dados do presente estudo, em sintonia com outros autores (Walker *et al.* 2003; Wight & Buston, 2003), sugerem que um maior investimento na formação de professores em ES deve ser concretizado para superar dificuldades na abordagem das questões de reprodução e sexualidade.

Referências Bibliográficas

- CCPES, DGS, APF, RNEPS. (2000). *Educação Sexual em Meio Escolar. Linhas Orientadoras*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Decreto-Lei Nº 259 / 2000 de 17 de Outubro. Diário da República, I Série nº 240, pp. 5784-5786.
- Lei nº 120 / 99 de 11 de Agosto. Diário da República, I Série nº 186, pp. 5232-5234.
- Mbananga, N. (2004). Cultural clashes in reproductive health information in schools. *Health Education*, Vol. 104, Nº 3, pp. 152-162.
- Oz, S. (1991). Attitudes toward family life education: a survey of Israeli Arab teachers. *Adolescence*, Vol. 26, Nº 104, pp.899-912.
- Polgar, S. & Thomas, S. (1995). *Introduction to research in the health sciences (3rd ed.)*. Melbourne: Churchill Livingstone.
- Rolston, B., Schubotz, D. & Simpson, A. (2005). Sex Education in Northern Ireland schools: a critical evaluation. *Sex Education*, Vol. 5, Nº 3, pp. 217-234.
- Sprinthall, N. & Collins, W. (1999). *Psicologia do Adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista (2ª edição)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Teixeira, M.F. (1999). *Reprodução Humana e Cultura Científica: um percurso na formação de professores*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.
- Vaz, J., Vilar, D., & Cardoso, S. (1996). *Educação sexual na escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Veiga, L., Teixeira, F., Martins, I. & Meliço-Silvestre, A. (2006). Sexuality and human reproduction: a study of scientific knowledge, behaviours and beliefs of Portuguese future elementary school teachers. *Sex Education*, Vol 6, Nº 1, pp.17-29.
- Walker, J., Green, J. & Tilford, S. (2003). An evaluation of school sex education team training. *Health Education*, Vol. 103, Nº 6, pp.320-329.
- Wight, D. & Buston, K. (2003). Meeting Needs but not Changing Goals: evaluation of in-service teacher training for sex education. *Oxford Review of Education*, Vol. 29, Nº 4, pp. 521-543.
- Zapiain, J. (2003). A educação afectivo-sexual na escola. *Sexualidade e Planeamento Familiar*, Nº 36, pp.33-38.